

## **Tocantins: representações discursivas**

Ana Elisete Motter<sup>1</sup> - UFT

Em função da unidade federativa do Tocantins ter sido instituída recentemente, ainda são raras as pesquisas que têm como problemática central questões referentes ao processo de autonomia da antiga região norte do Estado de Goiás. Foi a partir dessa constatação, que resolvemos investigar - relacionando com o processo de autonomia político administrativa do Estado do Tocantins, ocorrido em 1989 - a forma como os mais variados discursos caracterizam o Tocantins e o que é ser tocantinense, com o objetivo de detectar facetas da construção dessa “nova” identidade regional.

A construção das identidades é um processo complexo, formado através de vários mecanismos<sup>2</sup> e, essas identidades, se constroem por meio de uma vasta gama de discursos que agem e reagem entre si. Esses diversos discursos, utilizando-se das mais variadas linguagens e meios de veiculação, acabam por construir imagens, representações dos sujeitos sociais e os papéis que são atribuídos aos mesmos na sociedade. E, apesar dos processos identitários se fundamentarem nas diferenciações, nos contrastes, os mesmos só adquirem consistência através das eleição de traços por parte dos membros envolvidos em tal processo<sup>3</sup>. Sendo que, esses traços, são evidenciados e veiculados nos mais variados discursos que permeiam uma sociedade.

É importante definirmos a concepção de discurso que embasa nosso trabalho, bem como o nosso entendimento relativo às formas com que esse é autorizado e assume sentido. Entendemos discurso<sup>4</sup> não como uma realidade semântica, mas como uma lógica que atua no interior de uma sociedade e que tenta construir e interpelar sujeitos, sendo que, partimos do pressuposto que só podemos compreender a forma com que esses discursos são autorizados e assumem sentido, quando nos remetemos às condições de produção desse mesmo discurso. Isso, significa evidenciar a formação discursiva que dá sentido aos enunciados que são veiculados pois: “O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade [e sentido] não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção”.<sup>5</sup>

Ou seja, são as chamadas formações discursivas – conjunto formado por emissor, receptor e recortes temporais e espaciais a que os analistas de discurso chamam de cronologia e topografia - que, através de suas coerções,<sup>6</sup> dão sentido aos enunciados que compõem a lógica do discurso, principalmente no que consiste aos esforços de construir e interpelar sujeitos. Contudo, não estamos afirmando que os discursos são um mero reflexo dos contextos temporais e regionais e nem que os mesmos estão mecanicamente determinados por eles, pois os discursos não têm como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de certas representações<sup>7</sup> e, essas, só adquirem sentido em dada concretude espacial e temporal: topografia e cronologia.

A importância de se desvendar uma formação discursiva está no fato de, além de se evidenciar a forma como os enunciados produzem sentido, poder-se adentrar em vários meandros de uma determinada sociedade. Isso porque há, na formação discursiva e no próprio discurso, a evidência de práticas sociais de uma determinada comunidade, bem como a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para ser sujeito de determinados enunciados.

No nosso trabalho, temos o estado do Tocantins, nas duas últimas décadas, como cenário topográfico e cronológico do mote discursivo que nos propomos a analisar (discurso da imprensa e literário). A cronologia que dá suporte ao discurso por nós analisado é caracterizada pela historiografia e imprensa tocantinense<sup>8</sup> como o coroamento de uma espécie de destino manifesto da antiga região norte de Goiás e, também, da sua população, de ter reconhecida as suas especificidades e peculiaridades em relação ao antigo sul goiano com a demarcação institucionalizada da autonomia política e administrativa do Estado do Tocantins. É comum lermos nos artigos da Imprensa, principalmente naqueles publicados em datas comemorativas da autonomia, a exaltação de acontecimentos que remontam ao século XIX como mecanismo para justificar a autonomia do Estado do Tocantins, ocorrida no final da década de 1980<sup>9</sup>. A idéia perpassada nos enunciados da imprensa é a de que a autonomia do Estado é o ápice de um processo natural e, que desde sempre, as especificidades e peculiaridades do norte estiveram presentes, esperando por uma

demarcação oficial e efetiva das mesmas, ou seja, uma demarcação política e administrativa.

Contudo, essa prática em eleger acontecimentos ocorridos no passado para legitimar um presente não é uma característica única do discurso da imprensa tocantinense emitido no momento da autonomia e consolidação do Estado do Tocantins, pois, como lembra Hobsbawm (2002)<sup>10</sup>, novas situações, exigem novas tradições. E, essas, se tornam mais apelativas e com maior poder de persuasão se forem construídas com a utilização de elementos antigos que sempre podem ser encontrados em qualquer sociedade.

No que se refere à topografia, ao local em que o discurso por nós analisado foi veiculado, podemos destacar o fato de que, o mesmo, vem a ser um espaço regional que conseguiu a sua autonomia e consolidação política e administrativa, no momento em que os enunciados em análise foram emitidos. É importante salientarmos, que antes da autonomia política e administrativa, a antiga região norte do estado de Goiás é caracterizada pelos mais variados discursos como o protótipo do esquecimento, isolamento e exclusão, local onde o desenvolvimento econômico e social é impedido pelo sul<sup>11</sup> e depois da autonomia, ou seja, no recorte temporal de nossa pesquisa, a região do estado do Tocantins é caracterizada pelo discurso da imprensa<sup>12</sup> como uma porção espacial extremamente rica e privilegiada geograficamente. A região, portanto, passa a ser caracterizada, pelos vários discursos, de uma forma positiva, como uma espécie de eldorado que interliga o norte, o nordeste e centro-oeste brasileiros.

Em relação ao emissor e receptor dos discursos analisados devemos, primeiramente, fazer algumas observações teóricas relativas a nossa percepção desses dois elementos que compõem a formação discursiva que dá sentido aos enunciados em pauta. No concernente ao emissor de enunciados, devemos salientar, que nos baseamos em Foucault (1992), para quem a função de um autor é caracterizar a existência, a circulação e a operatividade de certos discursos numa sociedade”. Sendo assim, não estamos procurando o emissor no escritor real, pois o emissor, segundo a teoria em questão, é percebido como alguém que se apropria de um discurso preexistente no interior

de uma certa sociedade, e é o responsável pela sua organização, veiculação e funcionamento. Seguindo essa lógica, a função do autor ou do emissor se consubstancia na classificação e caracterização de um certo modo de ser do discurso.<sup>13</sup>

Por fim, devemos fazer algumas considerações teóricas sobre o receptor da formação discursiva que nos interessa. Concebemos o receptor como um co-enunciador, como um sujeito que fazendo parte das mesmas práticas sociais do emissor, acaba por impor coerções aos enunciados veiculados. Coerções que são aceitas como um tipo de regra, pois todo emissor procura ter seu discurso autorizado e reconhecido e, para isso, respeita uma espécie de ritual social da linguagem implícito, partilhado pelos interlocutores.<sup>14</sup> Partindo dessa concepção, acreditamos que o receptor em potencial dos enunciados por nós analisados é o tocantinense que recém vê a autonomia política e administrativa da sua região, é o sujeito que é alvo da construção e interpelação de uma identidade política nova, o ser tocantinense.

As imagens e representações relativas ao Tocantins e o ser tocantinense, que são veiculadas nos enunciados da imprensa<sup>15</sup>, por nós analisados, dão ao novo Estado uma conotação neo-liberal e moderna<sup>16</sup>. O Tocantins é representado nos enunciados em questão como um Estado pioneiro nas privatizações e adaptações ao mundo globalizado.<sup>17</sup> Esse discurso, não questiona, em hipótese alguma, a extrema concentração de riquezas na estrutura econômica do Estado, exaltando, somente, a implantação de programas assistencialistas por parte do poder estatal. Programas esses que, na lógica discursiva em questão, são capazes de amenizar a situação desfavorecida das massas populares.

Outro símbolo eleito pelo discurso por nós analisado, para dar consistência à identidade concernente ao Tocantins e construir um sujeito tocantinense orgulhoso de seu torrão natal é o fator relativo às riquezas naturais da terra. As questões relativas ao turismo e ao ecossistema são veementemente ressaltadas como forma de dar ao Tocantins uma singularidade dentro do cenário nacional.<sup>18</sup>

Outra categoria eleita pelo discurso em questão é relativa à vocação do Tocantins para a pecuária. Sendo um Estado que tem nessa atividade um dos seus principais pilares

econômicos, o discurso relativo ao Tocantins emitido pela imprensa não se cansa de ressaltar a vocação pecuarista tocantinense. Esse discurso, caracterizando o Tocantins como sendo um estado eminentemente agropecuário, interpela a comunidade para a idéia de que o mesmo só possa atingir os parâmetros de desenvolvimento econômico, através da criação de uma melhor infra-estrutura que viabilize, de forma mais efetiva, o desenvolvimento da agricultura e, principalmente, da pecuária, atividades “símbolo” das potencialidades econômicas do novo Estado.<sup>19</sup>

Outra categoria identitária relativa ao Tocantins, demarcada pelo discurso analisado, é a que dá ao novo Estado o caráter de ter sua gênese ligada à figura de um líder, o político Siqueira Campos.<sup>20</sup> Porém, esse mesmo discurso, apesar de atrelar a existência do Tocantins à vontade individual de um político, glorifica seu povo o caracterizando com atributos extremamente positivos. Dentre esses atributos, destaca-se o que dá ao mesmo um caráter de força e coragem. Destemido, o povo tocantinense é representado no discurso da imprensa escrita com uma determinação invejável, determinação essa, que foi capaz de garantir o sucesso da epopéica luta separatista e da consolidação de um Estado que cresce rumo à grandiosidade.<sup>21</sup>

Diante do exposto, percebemos que o Tocantins e o “ser tocantinense” são visualizados e ditos no discurso da imprensa escrita com atributos extremamente positivos o que lhes imprime orgulho, satisfação e os particulariza e individualiza no todo nacional.

As imagens e idéias que são perpassadas no discurso analisado são destacadas para preencher a imagem do “novo” Estado da federação, impondo-se como “verdades” pela repetição e regularidade com que são veiculadas. Entendemos, também, que esse discurso procura homogeneizar a situação do Tocantins, ou seja, o mesmo nega toda e qualquer diferença interna desse espaço que constitui o Estado. Além de negar qualquer diferenciação espacial, o mesmo nega as diferenças no que tange às possibilidades e oportunidades para os variados segmentos sociais que convivem e interagem nesse “novo” espaço social. Não importa as diferenças de classe, de gênero, de etnia, procura-se imprimir, através do discurso analisado, uma unidade que representa todos como

pertencendo a grande família tocantinense que, após a autonomia política e administrativa do Tocantins, legitimou as suas históricas peculiaridades e singularidades no todo nacional.

No que consiste à análise do discurso literário<sup>22</sup> relativo ao Tocantins e o ser tocantinense, optamos por selecionar a obra de José Liberato Costa Póvoa.<sup>23</sup> Nesse discurso, o Tocantins e o ser tocantinense são retratados em seus enunciados com atributos bucólicos e pitorescos. O sertão, na obra de Póvoa é o verdadeiro Tocantins, local onde as pessoas têm uma vida calma, brejeira e inocente.

Nos enredos de suas crônicas e contos, o emissor cria tramas que revelam a paciência, a ingenuidade e situações inusitadas ocorridas no sertão. No discurso veiculado pelo autor, percebemos que, além de situações pitorescas, as relações entre os personagens que vivem no sertão, verdadeiro Tocantins, revelam e caracterizam o sertanejo como sendo, nas próprias palavras do autor, um sujeito social crédulo, afeito à crendices, subserviente e humilde.

O emissor faz questão de ressaltar as peculiaridades e singularidades do Tocantins sublinhando, em suas crônicas e contos, o linguajar típico do sertanejo, assim como a culinária local.

Em toda a obra analisada, há a veiculação de um sentimento saudosista e melancólico em relação às características da terra que estão sendo perdidas em função da “modernidade”. A obra do autor, está repleta de situações onde há uma dicotomia entre sertão e cidade. O sertão, nesta dicotomia, representa a pureza, a ingenuidade, o lugar ideal de se viver, enquanto a cidade, a pretensa civilização, representa a perda das raízes da terra, a violência e a vida atribulada

No discurso literário de Costa Póvoa, as elites da região são representadas como extremamente poderosas, vivendo acima da lei, agindo conforme os seus interesses, sem limitações. Em uma passagem do romance Mandinga, o emissor assim se refere a Zé Júlio, personagem filho de um grande fazendeiro da região do Duro, que rouba a esposa de um vaqueiro e depois a abandona: “ (...) no sertão, filho de rico faz o que quer: bebe, afronta, assoberba e faz até besta dos outros”.<sup>24</sup> Seguindo essa mesma lógica o emissor afirma que

no sertão, as leis são feitas pelos mais fortes, ou seja, pelos privilegiados: “no sertão, onde a lei do mais forte prevalece, a lei de talião costuma ser aplicada”<sup>25</sup> A sociedade tocantinense é caracterizada por Póvoa como uma sociedade extremamente tradicional, sendo que a atividade econômica mais desenvolvida é a pecuária, extensionista e latifundiária. O comércio também é retratado como sendo uma atividade importante nessa sociedade e muitos membros da elite das vilas e cidadelas retratadas nas crônicas e contos do autor são comerciantes.

Contudo, é esse sertão, lugar sem lei, onde prevalece o mais forte que o emissor enaltece em seu discurso como sendo o melhor lugar de se viver, é o verdadeiro Tocantins, onde o homem desse local, o sertanejo, apesar de simples, tem sabedoria sem jamais ter aberto um livro.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína.

<sup>2</sup> Conforme as obras: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, *Identidade e Etnia*. Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986; NAVARRO, Raul Bejar y CAPPELO, Hector Manuel (Org.). *Bases teóricas y metodológicas em el estudio de la identidad y el carácter nacionales*. México. UNAM, 1990; OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976 e THOMPSON E. P. *Costumbres em Comum*. Barcelona: Crítica, 1995.

<sup>3</sup> Ver sobre o tema: BARTH, Frederik. *Los Grupos étnicos e sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

<sup>3</sup> Ver sobre: MAINGUENAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989; ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso e Leitura*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. e PINTO, Céli. “Com a Palavra o Sr. Presidente José Sarney” ou como entender os meandros da linguagem do poder. São Paulo: Hucitec, 1989.

<sup>5</sup> Orlandi, 1996, Op. cit. p.55.

<sup>6</sup> Sobre as coerções impostas ao emissor, ao formular enunciados ver: MAINGUENAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

<sup>7</sup> Orlandi, 1996, Op. cit.

<sup>8</sup> Ver: MOTTER, Ana Elisete. *A construção da Identidade Regional Tocantinense (1989-2000)* In: Fontes Revista do Centro de Pesquisa Histórico Cultural do Tocantins. Palmas: Fundação Universidade do Tocantins, 2002, p. 67-79 e RIBEIRO, Fabrício de Almeida. *A invenção do Tocantins: memória, história e representação* Goiânia: UFG, 2001, Dissertação de Mestrado.

<sup>9</sup> Ver: MOTTER, 2002, Op. cit.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

<sup>11</sup> Ver: MOTTER, 2002, Op. cit.

<sup>12</sup> Ver: MOTTER, 2002, Op. cit.

<sup>13</sup> Ver: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Editora Veja, 1992.

<sup>14</sup> MAINGUENAU, Dominique, 1989, Op. cit.

<sup>15</sup> A pesquisa empírica, relativa aos periódicos da imprensa escrita, teve a colaboração do aluno do Curso de História, da então Fundação Universidade do Tocantins- UNITINS, Jarbas da Silva Mendonça, que foi contemplado com bolsa de Iniciação Científica, em 2000-2001.

<sup>16</sup> Os periódicos analisados em nossa pesquisa foram aqueles que têm circulação em todo o Estado.

<sup>17</sup> A título de exemplo, ver: *Jornal do Tocantins*, Palmas, 05/07/1997 e 10/06/1998.

<sup>18</sup> Para exemplificar ver: *Jornal do Tocantins*, Palmas, 03/05/2000.

<sup>19</sup> Ver: *Jornal do Tocantins*, Palmas, 05/08/1998.

<sup>20</sup> *Jornal do Tocantins*, Palmas, 07/10/1997, *Jornal Documento*, Palmas, 18/03/1998 e *Folha Popular*, Palmas, 05/10/2000,

<sup>21</sup> *Jornal do Tocantins*, Palmas, 05-06/01/1996 e 07/-07/10/1997.

<sup>22</sup> A análise das categorias identitárias tocantinenses, eleitas pelo discurso literário de José Liberato Costa Póvoa, teve a colaboração da aluna do Curso de História, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Lucialine Duarte Silva, que fora contemplada com bolsa de Iniciação Científica, no período de 2003-2004.

<sup>23</sup> É importante salientarmos que a seleção dessa obra deve-se ao fato do autor em questão ser tocantinense, retratar a sociedade tocantinense em seus livros e de ter publicado, a maior parte dos mesmos, no marco temporal demarcado por nossa pesquisa. Dentre as obras analisadas destacamos: PÓVOA, José Liberato Costa, *Um caso Puxa o Outro*, Goiânia: Kelps, 2001); \_\_\_\_\_, *Conversa de Compadres*. Goiânia: Kelps, 2001; \_\_\_\_\_ *Mandinga*, Goiânia: Editora Tocantins, 1998.

<sup>24</sup> Póvoa, 1998, Op. cit., p.78.

<sup>25</sup> Póvoa, 1998, Op. cit. p.67.